

CONHECENDO E APLICANDO RUBRICAS EM AVALIAÇÕES

03/04/2005

Luiz Cláudio Medeiros Biagiotti
DIRETORIA DE ENSINO DA MARINHA
Praça Barão de Ladário s/n – Centro –Rio de Janeiro- RJ
profbiagiotti@yahoo.com.br

F - Pesquisa e Avaliação
5 - Educação Continuada em Geral
A - Relatório de Pesquisa

007-TC-F5

Resumo

Este trabalho tem por finalidade apresentar as rubricas, ferramentas bastante úteis para a avaliação de processos e produtos finais na educação. Sua utilização no Brasil ainda é muito restrita, embora em alguns países, do Primeiro Mundo, já seja de utilização constante.

Além do trabalho de pesquisa que venho realizando há algum tempo, este artigo também aborda algumas discussões acontecidas durante um workshop sobre rubricas do qual participei recentemente. Pretendo por este artigo, contribuir para a divulgação do tema.

Palavras-Chave: Rubricas, Avaliação e *Feedback*.

1 – INTRODUÇÃO

Um problema com o qual todo professor se depara por ocasião de efetuar uma avaliação, é como ele se sente ao dar notas. Nesse momento ele sempre pensa qual é a parte mais penosa deste processo. Estabelecer valores das notas, justificar as notas, ler todos os trabalhos ou provas, manter pontuação uniforme, etc.

Avaliar é uma tarefa complexa que exige atenção, e se de fato queremos ser construtivos no que diz respeito à performance de nossos alunos, necessitamos gastar um bom tempo, preparando cuidadosamente a avaliação.

2 - DEFINIÇÃO

Se olharmos o que significa o termo rubrica em um dicionário, como, por exemplo, o Houaiss, encontraremos as seguintes definições:

- pequena anotação ou comentário acerca do que se observou, leu ou deve ser memorizado; apontamento, lembrete, nota;
- indicação geral do assunto e/ou da categoria de algo;
- nos antigos códices, letra ou linha inicial e capítulo escrita em vermelho (em rubro, daí “rubrica”);
- conjunto de prescrições e normas que regulam a celebração dos atos litúrgicos; e
- assinatura abreviada, geralmente reduzida as iniciais.

Podemos definir rubricas, na educação, de diversas maneiras. Uma das definições que mais me agrada é a que escutei de Maria Alice Soares por ocasião da realização do workshop sobre rubricas. Segundo ela, rubricas são esquemas explícitos para classificar produtos ou comportamentos, em categorias que variam ao longo de um contínuo. Podem ser usadas para classificar qualquer produto ou comportamento, tais como redações, ensaios, trabalhos de pesquisa, apresentações orais e atividades. A avaliação pode ser feita pelos próprios estudantes, ou por outros, como professores, outros alunos, supervisores de trabalho ou revisores externos. Rubricas podem ser usadas para prover *feedback* formativo dos alunos, para dar notas ou avaliar programas.

Para Ludke (2003), *“as rubricas partem de critérios estabelecidos especificamente para cada curso, programa ou tarefa a ser executada pelos alunos e estes eram avaliados em relação a esses critérios”*. (p.74).

Segundo Porto (2005), os pontos mais importantes a partir das definições de rubricas, são:

- Rubricas necessitam ser feita sob medida para as tarefas ou produtos que se pretende avaliar;
 - Rubricas precisam descrever níveis de desempenho, de competências, na realização de tarefas específicas, ou de um produto específico;
- Esses níveis devem ser descritos em detalhe e serem associados a uma escala de valores;

- No seu conjunto, esses níveis de competência, descrevem qualquer resultado possível sobre o desempenho de um aluno; e
- Rubricas determinam expectativas de desempenho.

3 – CARACTERÍSTICAS

As rubricas de avaliação são inúteis e improdutivas se a avaliação que se pretende por trás for limitada e pobre. Elas são apenas ferramentas. A questão da avaliação em si é bem mais abrangente. Elas são o meio de veicular expectativas e de dar notas de forma clara, honesta e rica em informação para o aluno. (Porto, 2005).

As rubricas não representam economia de tempo para o professor, pois o seu processo de confecção é bastante trabalhoso. Elas abreviam o tempo, quando o professor tem em mente o que está procurando no trabalho, pois ao ler o trabalho fica mais fácil identificar se o objetivo foi atingido.

As rubricas devem possuir algumas características de modo a se tornar uma boa ferramenta para avaliar o desempenho dos alunos nas tarefas, nos processos e nos produtos finais. Dentre elas, cito as seguintes:

- facilidade – com as rubricas torna-se fácil avaliar trabalhos complexos;
- objetividade – pelas rubricas conseguimos avaliar de uma forma objetiva, acabando com toda aquela aura de subjetividade que os professores gostam de imprimir à avaliação;
- granularidade – a rubrica deve possuir a granularidade adequada, pois se for fina, ou seja, se possuir a quantidade de níveis adequada, sempre ajuda na hora de determinar um grau. Quando começa a ficar fino demais, começa a existir justaposição entre os níveis, tornando-a inadequada;
- gradativa – elas são explicitações graduais de desempenho que se espera de um aluno em relação a uma tarefa individual, em grupo, ou em relação a um curso como um todo;
- transparência – as rubricas conseguem tornar o processo de avaliação tão transparente a ponto de permitir ao aluno o controle do seu aprendizado;
- herança – a rubrica deve herdar as características da avaliação escolhida. Por exemplo, se o método de avaliação usado faz com que o aluno seja um mero repetidor de informações, a rubrica estará apenas ajudando a avaliar esses aspectos estabelecidos pelo método de avaliação escolhido;

- associativa – a rubrica associa à avaliação de desempenho apresentada pelo aluno, para verificar se a partir do programa do curso, os objetivos pretendidos foram alcançados;
- reutilização – elas devem ser reutilizáveis, mas sempre sofrendo adequações antes do início do novo processo de avaliação;
- padronização – permitir a padronização de avaliações, de modo a alcançar as habilidades mais complexas; e
- clarificação – a rubrica nos ajuda a clarificar nossas expectativas se a utilizarmos como um meio de comunicação com os alunos.

É importante ressaltar que o método de avaliação não nasce da rubrica. A rubrica é que deve ser associada ao método de avaliação escolhido.

As rubricas poderão assumir duas dimensões: a dimensão holística e a dimensão analítica.

Por dimensão holística entendamos aquela que pontua o produto final de uma forma integral, ou seja, vendo como um todo. Nesse caso, o desempenho será descrito por meio de diversos atributos como, por exemplo, a nota mais alta poderia contemplar o seguinte texto; “o trabalho demonstra proeficiência no uso da língua, explora o conteúdo num nível adequado de detalhe, é objetivo e bem organizado”. Segundo PORTO (2005) esse texto descreve diversas dimensões, tais como, qualidade da escrita, profundidade da pesquisa e do conteúdo, objetividade e organização.

Porém em alguns casos, pode ser preferível analisar cada uma dessas dimensões separadamente. Assim, adotamos a dimensão analítica, de modo a descrever especificamente cada item por seus níveis de desempenho.

É muito importante que, ao começarmos a esboçar uma rubrica, olhemos para a dimensão que desejamos alcançar, para verificar se as rubricas podem ser vistas em conjunto (holística) ou se precisam ser olhadas separadamente (olhar analítico). Nunca devemos avaliar um mesmo aspecto mais de uma vez, ou seja, por ambas as dimensões.

4 – APLICAÇÕES

Não restam dúvidas que as rubricas são excelentes ferramentas para o processo de avaliação, bem como para o produto. Porém, ao utilizá-las devemos ter sempre em mente o sentido da avaliação que desejamos.

“O sentido da avaliação é compreender o que se passa na interação entre o ensino e a aprendizagem para uma intervenção consciente e melhorada do professor, refazendo o seu planejamento e o seu ensino e para que o aprendente tome consciência também de sua trajetória de aprendizagem e possa criar suas próprias estratégias de aprendizagem.

Nesse ponto de vista, a produção do aluno, inclusive o erro, é compreendido como uma fonte riquíssima de conhecimento da dinâmica da qualidade e do trabalho pedagógico e do caminho de aprendizagem discente. Mapear a reação do aprendente à intervenção docente é a razão de ser do processo avaliativo em sala de aula. Esse mapeamento tem como fim possibilitar uma diversificação didática sintonizada e proximal das necessidades do educando”. (Silva, 2004, p.60).

4.1 – Auto-avaliação

A auto-avaliação é uma mudança de paradigmas bastante grande para os alunos, principalmente para aqueles que já possuem uma longa estrada no mundo acadêmico, e que sempre foram avaliados nos moldes tradicionais.

Os alunos de um modo geral não estão acostumados à auto-avaliação. Para começar a adotar essa prática, as rubricas funcionam como excelente guia. É só detalhar os critérios de avaliação de forma clara e objetiva.

Com as rubricas, os alunos tornam-se capazes de avaliar seus trabalhos antes da entrega ao professor. Se as rubricas forem bem feitas e detalhadas, os alunos sentem facilidade para verificar se os requisitos e as expectativas dos professores foram alcançadas. Quanto mais detalhadas forem as rubricas, menos espaço para a subjetividade existirá nesse processo.

Dispondo de uma avaliação prévia feita pelo próprio aluno, o professor tem condições de se concentrar na complementação desta auto-avaliação e proporcionar um *feedback* para os alunos, apontando os pontos a melhorar em seu trabalho.

Na visão de PORTO (2005) esse contexto pode ser perigoso. Para ela, os alunos apreciam o *feedback* que vem direto do professor. Porém, se a turma for muito grande, esse contato um-a-um torna-se muito extenso, o que acaba desviando a atenção dos outros alunos causando um desestímulo ao processo.

Na minha visão, as rubricas necessitam ser bem clara para os alunos, durante a confecção dos seus trabalhos, permitindo que eles trabalhem com os objetivos para buscar aquilo que se deseja alcançar.

A avaliação que o aluno faz de seu trabalho, não impede que a troca e o *feedback* aconteçam. É sabido que todo aluno tem idéia da qualidade do seu trabalho, ou seja, se ele realmente é de qualidade, ou se está aquém do que poderia ter realizado. Em situações normais o aluno não expressa a sua opinião para o professor, ficando na expectativa da confirmação, ou não, da sua própria impressão. Adotando a auto-avaliação o aluno poderia reverter esse processo e dialogar com o professor, como, por exemplo, dizendo que o seu trabalho poderia ter sido melhor se tivesse havido compreensão do que fora solicitado. Nessa ocasião, o aluno poderia pedir uma orientação ao professor, para sanar suas dificuldades.

Nessa perspectiva, a avaliação desponta como um diálogo, um processo de troca, que aperfeiçoa os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

4.2 – Trabalhos em grupo

A forma como a rubrica se apresenta depende do que se deseja como produto final. Se for a mesma coisa que se esperaria de um trabalho individual, a rubrica é a mesma.

Porém, com relação ao processo, devemos inserir nas rubricas critérios coletivos, como, por exemplo, coesão do grupo, dinâmica interna de interação, bem como os critérios individuais, como a contribuição do indivíduo para a dinâmica do grupo.

4.3 – Nas ciências exatas

Assim como em outros campos da educação, as rubricas têm a sua vez nas ciências exatas. Desde que as avaliações propostas pelos professores sejam inteligentes, e exijam visão crítica e processamento do aluno, elas criam a possibilidade de um *feedback* obtido pela aplicação de rubricas. Como exemplo, podemos citar o fato de que as equações matemáticas são compostas por um algoritmo. As rubricas podem incluir uma avaliação da execução desses algoritmos.

4.4 – No ensino à distância e nas webquests

Nos cursos à distância, as atitudes dos alunos se revelam principalmente por meio da escrita, ou seja, por intermédio dela é que percebemos a maioria das coisas em nossos alunos, diferentemente dos cursos presenciais em que observamos as atitudes pela comunicação oral. Esse fato tem que ser levado em consideração na elaboração das rubricas para essa modalidade de curso.

No ensino à distância as rubricas são muito úteis para avaliação de atividades colaborativas, como Fórum de Discussão, participação em chats e para os trabalhos apresentados em portfólio.

Alguns ambientes virtuais já incorporam as rubricas em seu modo de avaliação das atividades.

A rubrica também podem ser utilizada em webquest, pois permite avaliar o produto obtido e proposto como tarefa. Inclusive, elas fazem parte da proposta original de Bernie Dodge para a metodologia webquest.

5 – DISCUTINDO INDICADORES

No desenvolvimento de rubricas alguns procedimentos devem ser observados. Não existe uma receita, ou um modelo a ser seguido, pois cada rubrica deve ser desenhada para o quadro que se espera. Porém alguns itens, conforme os citados a seguir, são importantes para constar como indicadores de rubricas.

“ A idéia é fazer com que os formadores criem o seu sistema de rubricas, em conformidade com os objetivos da matéria e que este seja de conhecimento dos alunos. É importante que eles sejam avaliados ao longo do processo e que tenham conhecimento de suas avaliações”. (Biagiotti, 2004, p.119)

É necessário que os professores que venham a adotar as rubricas em suas avaliações, definam os resultados da aprendizagem, ou os objetivos que esperam que sejam alcançados pelos alunos. A partir daí, vem regredindo com a escala de valores, ou seja, vem definindo os níveis de critérios, variando-os da mais elevada performance até a mais baixa que possa ser esperada para a tarefa em questão. Feito isso, deve descrever cada nível, e se certificar de que ele vai ser entendido claramente pelos alunos.

Não devemos colocar mais do que seis níveis na descrição das rubricas, pois sempre existem os níveis intermediários que poderão ser observados. Por exemplo:

Níveis das rubricas desenvolvidas: 0 (ausência de performance), 2, 4, 6, 8 e 10 (performance desejada).

Níveis intermediários que podem ser observados, quando o aluno se situar entre as descrições de 2 níveis de rubricas subseqüentes: 1, 3, 5, 7 e 9.

Após a definição da escala de valores, se assegure de que essa escala está oferecendo a distinção desejada entre os níveis de desempenho e a pontuação final do trabalho esperado.

Apresente as rubricas sob a forma de uma lista ou de uma matriz, de modo a não deixar dúvidas de apresentação, e sempre que aparecer um problema seja com as palavras utilizadas na descrição dos níveis, ou de inconsistência na pontuação, faça a mudança que for necessária. Lembre-se que ao reutilizar rubricas, é desejável fazer uma revisão antes da sua aplicação, e alguns ajustes se necessário.

Se os níveis das rubricas são bem construídos, servirão de base para a realização de *feedback* para o aluno.. Mais interessante fica quando além de relatar apenas a descrição do nível, acrescentamos algo mais personalizado nesse *feedback*.

6 - CONCLUSÃO

As rubricas podem ser entendidas como uma ferramenta para quantificação de observações qualitativas. Como toda ferramenta, possui vantagens e desvantagens em sua aplicação.

Como vantagem podemos citar o fato de tornar o processo de dar notas mais eficientes; de uma forma mais precisa, justa e confiável; de permitir que os processos de avaliação sejam mais uniformes e padronizados, mesmo se aplicados por professores diferentes; de permitir aos alunos avaliar os seus próprios trabalhos antes de entregá-los ao professor; de permitir que os alunos entendam melhor a nota que lhe está sendo atribuída e de melhorar o desempenho dos alunos, uma vez que estes passam a saber onde devem focar seus esforços.

Como desvantagem podemos dizer que o tempo consumido e a complexidade do seu desenvolvimento para que se tenha uma rubrica que seja capaz de retratar o que se deseja; a linguagem a ser utilizada de modo que seja clara para todos os alunos; a dificuldade do estabelecimento de critérios que definem o desempenho e a necessidade constante de revisões antes de reaplicações.

Com tudo isso, recomendo a utilização de rubricas nos processos avaliativos, tendo em vista que o aluno de hoje possui características bem distintas da do aluno de alguns anos atrás, em virtude da rapidez dos acontecimentos, da facilidade na obtenção de informações, da globalização, refletindo no desenvolvimento intrínseco do ser humano. Basta ver a esperteza e a rapidez do desenvolvimento dos bebês da atualidade.

Portanto, seguindo as tendências do mundo atual, a avaliação no meio educacional necessita se modernizar e se tornar algo mais justo e esclarecedor. Basta de “caixas pretas”.

BIBLIOGRAFIA

BIAGIOTTI, L.C.M. *Avaliação em EAD: procedimentos de avaliação educacional em cursos de longa distância da Marinha do Brasil*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Pedagógicas) – Instituto Superior de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro.

LUDKE, M. *O Trabalho com Projetos e a Avaliação na Educação Básica*. In: ESTEBAN, M.T.; HOFFMANN, J.; SILVA, J.F. (orgs) *Práticas Avaliativas e Aprendizagens Significativas*. Porto Alegre: Mediação, 2003, p.67-80.

PORTO, S. *Rubricas: otimizando a avaliação em educação online*. Disponível em <http://www.aquifolium.com/rubricas.html>. Acesso em: 24 fev. 2005.

SILVA, J.F. *Avaliação na Perspectiva Formativa-Reguladora: pressupostos teóricos e práticos*. Porto Alegre: Mediação, 2004.